

DO PLANALTO SE DOBRA A MONTANHA

MARIA CAPELO

Curadoria Natxo Checa

Esta exposição reúne uma série de pinturas recentes, realizadas entre 2020 e 2021, agora expostas pela primeira vez na Galeria Zé dos Bois. Em *Do planalto se dobra a montanha*, encontramos um conjunto de telas, que ocupam o espaço e definem um percurso, criando uma relação corpo-a-corpo com o espectador. Nestas obras, Maria Capelo continua a trabalhar a paisagem, assumida na sua acepção própria: “um espaço de terreno que se abrange num lance de vista”. A artista não esconde a sua relação com o cinema e a influência que este tem sobre o seu trabalho, a exploração de um mesmo plano sob diferentes pontos de vista que em conjunto constroem um lugar. Nas suas palavras:

Parto de vários pontos de vista de lugares concretos. Através de um trabalho paciente, no atelier, tudo se organiza e reorganiza para fazer surgir na tela uma paisagem, um sítio físico, palpável. Em movimento contínuo e irregular.

O SONÂMBULO, UMA RESSURREIÇÃO

Adaptação a partir de fragmentos
de Lev Tolstói e Hermann Broch
a pensar na pintura de Maria Capelo

Pedro Paiva

RUZENA era filha de mãe solteira. Uma criada que tinha vindo da Boémia com onze anos e que se tornara vaqueira numa aldeia pertencente a duas irmãs solteironas, latifundiárias. Essa mulher solteira dava à luz todos os anos e, como habitualmente se faz nas aldeias, baptizava-se a criança, e depois a mãe não a alimentava por não ser desejada e ser desnecessária, e a criança depressa morria de fome. Assim lhe morreram cinco filhos. A sexta criança, filha de um cigano de passagem, era uma menina, e o seu destino seria o mesmo, mas aconteceu que uma das velhas senhoras entrou no estábulo para fazer uma admoestação às vaqueiras por causa das natas que cheiravam a vaca. Ia já a sair quando, ao ver a criancinha, se enterneceu e se ofereceu para ser sua madrinha e a criança sobreviveu. As velhas chamavam-lhe, precisamente, “Salvada”. A menina de negros olhos, ligeiramente estrábicos, saiu invulgarmente viva e encantadora e as velhas fidalgas alegravam-se com ela. Ao crescer, tornou-se meio camareira meio educanda. Viveu assim até aos dezasseis anos. Quando fez dezasseis anos, veio um sobrinho das senhoras visitá-las. Era oficial do exército e vinha da grande cidade e Ruzena, sem confessar, nem a ele, nem a si própria, apaixonou-se.

Três anos mais tarde, esse mesmo sobrinho, a caminho da guerra, passou por casa das tias.

No dia seguinte, Joachim partiu para se apresentar no regimento.

A vida em que ele ia entrar, os novos lugares, os camaradas, a guerra, ajudaram-no.

E quanto mais vivia, mais esquecia, e por fim, esqueceu de facto Ruzena por completo.

Caiu a noite. Lá fora, aquele nevoeiro branco que na primavera expulsa a última neve. Do rio, sob uma escarpa, ouviam-se uns sons estranhos. Era o gelo a quebrar-se. Joachim, caminhando por cima dos charcos, passou junto à janela do quarto das criadas. Ruzena estava sozinha, sentada à mesa, pensativa. Joachim ficou sem se mexer, a observá-la. Que olhar ingénuo e sorridente, o daquela rapariga. Enquanto espreitava pela janela, a voluptuosidade dominava-o por completo. Ali perto, o pinheiro em grande plano, e por detrás do nevoeiro um galo cantou o segundo canto dos galos. Joachim voltou a entrar em casa. Tirou as botas e foi descalço pelo corredor até à porta dela. E assim que ele murmurou, *Ruzena*, ouviu-se um som de dentro do quarto, como um salto. Depois, o ferrolho deu um estalido e ele entrou pela porta aberta. *Ah! Não faça isso, largue-me.* Disse ela, mas apertava-se de encontro a ele.

De madrugada, ele foi até à entrada da casa. No campo havia agora mais claridade; lá em baixo no rio os rangidos e o resfolegar tinham-se intensificado, e aos sons anteriores acrescentara-se o sussurro das águas. O nevoeiro começara a descer: Dois eucaliptos como que abandonados. A lua iluminava lugubrememente qualquer coisa negra e horrível. Uma rocha caída em frente da escarpa e que Joachim, à primeira vista confundira com a entrada de uma gruta incompreensível. Joachim pensava que devia dar dinheiro a Ruzena. Não porque ela pudesse precisar desse dinheiro, mas porque é o que sempre se faz. E deu-lhe esse dinheiro, tanto quanto achava decente, num envelope amarfanhado. Enfiou-lhe o envelope no seio.

Entregando-lhe uma nota de cem moedas,

Cinco meses depois da partida, ela soube de certeza que estava grávida.

A partir de então tudo se lhe tornou odioso e ela só pensava em como escapar à vergonha que a esperava, e passou a servir mal e de má vontade as fidalgas. Disse às fidalgas grosserias de que depois se arrependeu, e despediu-se. Depois disso tornou-se criada de quarto em casa de um comissário de polícia, mas só conseguiu lá ficar durante três meses porque o comissário, um velho de cinquenta anos, começou a assediá-la. Alojou-se em casa de uma viúva, parteira e traficante de bebidas alcoólicas. O parto foi fácil. Mas a parteira, que na aldeia atendera antes uma mulher doente, infectou Ruzena

com febre puerperal, e a criança, um menino, foi enviada para um orfanato onde morreu pouco depois de chegar. Não tinha dinheiro e era preciso encontrar trabalho. Num escritório de colocação de criadas, Ruzena encontrou uma senhora cheia de anéis e pulseiras nas mãos gordas e nuas. Esta senhora deu-lhe o seu endereço e convidou-a a visitá-la. A senhora recebeu-a com amabilidade. Ao fim da tarde entrou na sala um homem alto de longos cabelos grisados e barba grisalha, este velho sentou-se logo ao pé de Ruzena e, com olhos brilhantes e a sorrir, pôs-se a observá-la e a gracejar com ela.

A dona da casa chamou-o para outra sala, e Ruzena ouviu o que ela dizia: É fresca, camponesa. Depois a anfitriã chamou Ruzena e disse-lhe que aquele era um escritor que tinha muito dinheiro e não se poupava a nada, se ela lhe agradasse. Ela agradou-lhe, e o escritor, alguns dias depois, propôs-lhe que se mudasse para Berlim com ele, para um apartamento independente. Já em Berlim e depois de embebedar Ruzena, o escritor propôs-lhe que trabalhasse para um bom estabelecimento, o melhor da cidade. O Jägerkasino.

quatro dias e quatro noites com elas e na véspera de partir seduziu-a.

partiu.

JOACHIM está deitado num colchão de penugem e de molas. Fuma um cigarro. Suspira e pensa: *o uniforme é uma ideia supraterrrestre, inexistente e, contudo, tão forte que transforma o homem uniformizado em possesso do uniforme*. Lança uma bafurada de fumo que desenha um arbusto indefinido e suspenso no ar. Depois, os pés lisos e brancos procuram os chinelos. Enfia nos ombros largos o roupão de seda. Entra na casa de banho. Com um pó especial lava os dentes chumbados em muitos pontos. Lava-se por todos os lados esfregando-se com várias toalhas. Lava as mãos com sabonete, limpando cuidadosamente as unhas com escovas. Na grande bacia de mármore lava o rosto e o pescoço. Dirige-se ainda a uma terceira sala anexa ao quarto, onde veste roupa interior limpa e, sentado diante do toucador, Joachim dedica-se a escovar com duas escovas a barba, não muito longa, e os cabelos louros que rareiam na parte frontal da cabeça. Veste um fato limpo preparado em cima de uma cadeira. Noutra cadeira, o uniforme inerte e engomado, faz lembrar uma árvore quebrada Afogada. Depois, pega numa bengala com um castão de marfim e regressa, por instantes, aos seus onze anos. O tio Bernhard ainda usava bengala: depois de um ferimento, podia usar-se bengala. Joachim segurou-se à bengala do tio Bernhard fixando-se no castão de marfim ornado com um brasão. O tio Bernhard anuncia: *Dé-me os parabéns, acabo de ser promovido a major*. O tio Bernhard, detectando o interesse do miúdo pelo brasão, fez afagar as suas longas mãos pelo seu cabelo. Joachim alegrava-se sempre por ter o cabelo louro como a mãe; isso queria dizer também que ia ser mais alto do que o pai.

Joachim sai para a rua. Tinha combinado jantar com Kessel num tal de Jagerkasino. No Jagerkasino, vénias e sorrisos. Kessel ao vê-lo: *Caro amigo, quando vinha a subir, cruzei-me com uma coisinha muito atraente, de cabelos negros e olhos que de certeza não vos podem deixar indiferentes*. Nessa noite Ruzena surgiu no salão com o braço enfiado de baixo do de uma rapariga loura. Kessel lança para o ar: *Menina Ruzena! A avaliar pelo nome, temos perante nós uma bela polaca*. Ruzena responde: *Não sou polaca. Sou boémia*.

Joachim pensa: *Não pode ser! Não é possível!* Repetia a si mesmo Joachim: *aquela rapariga da qual nunca mais se lembrara*. Via agora com clareza aquela particularidade exclusiva, misteriosa, amável, nos olhos um pouco estrábicos, e principalmente aquele olhar ingénuo, sorridente.

De manhã e de tarde, um sono pesado depois das orgias da noite. Às três da tarde, levantar a custo da cama suja, água selzer contra a bebedeira, café; às quatro chegada ao salão, deambulação indolente pelas salas, espreitar por entre as cortinas das janelas, brigas indolentes umas com as outras; depois lavar, perfumar os corpos, os cabelos, experimentar vestidos, pintar as caras, as sobrancelhas, ingerir comida doce e gordurosa; depois sair para o salão enfeitado, chegada dos clientes, música,

dança, bombons, bebidas, cigarros e sexo com homens novos, de meia-idade, quase crianças, e velhos a desfazerem-se, solteiros, casados, comerciantes, caixeiros, tártaros, ricos, pobres, saudáveis, bêbedos, grosseiros, ternos, militares, civis, estudantes. E os gritos, e as piadas, e as brigas, e a música, e o tabaco, e o vinho; desde o anoitecer até a o romper do dia. E só de manhã a libertação e o sono pesado. E assim todos os dias, toda a semana. Assim viveu Ruzena durante sete anos.

Tinha agora um sotaque estrangeiro e ria de si própria por ainda não ter aprendido alemão. Ruzena parecia-lhe possuída por um espírito selvagem e longínquo; um ser que Joachim estava longe de conseguir compreender. Depois, Ruzena pegou na cabeça da amiga, colocou-a junto da cabeça de Joachim e ficou satisfeita por a cor do cabelo se harmonizar.

Dáveis lindo casal,
declara a ambas as cabeças e acaricia-lhes os cabelos.
Joachim sente aquela mão suave a afagar-lhe os cabelos, como uma pequena sensação de vertigem.
Agarrou na sua bengala pelo castão de marfim e levantando-se num impulso:

Tenho de ir andando,
anunciou repentinamente Joachim aos seus camaradas.

Podíamos encontrar-nos nos arrabaldes, tomar o almoço juntos. Amanhã?

Ela pôs-se em bicos de pés e sussurrou-lhe ao ouvido:

Sim. És simpático e bom, tu.
E Joachim foi-se embora.

Joachim caminhava em direcção à Opera. Quando pensava agora em Ruzena, tinha de confessar a si próprio que a imagem dela empalidecera por completo durante aqueles sete anos, como num muro de nevoeiro que faz apagar as árvores que sabemos que lá estão, mais ainda, que de certeza não teria sido capaz de a reconhecer na rua se tivesse passado por ela. Enquanto caminhava, Joachim foi levado pela pulsão de fixar a imagem de Ruzena. Esforçava-se para fazer reaparecer as partes daquele rosto, o nariz, os olhos, a boca, como numa ressurreição mental. E tanta dedicação empenhou naquele trabalho, que pensou estar a ficar cego, temendo não saber por onde estava a caminhar. Mas a imagem de Ruzena empalidecera novamente. Assim chegou à Opera num estado profundo de inquietação.

Quando uma pessoa, em consequência da sua vida pelos imperativos da casta a que pertence como também de uma certa inércia dos sentimentos, forma o hábito de não reparar no seu próximo, então de certeza que tem de lhe chamar a atenção e lhe parecer caso para admirar os seus olhos ficarem presos em dois jovens desconhecidos que estão a conversar à sua beira.

Ruzena regressava a casa já o sol estava a nascer por detrás do recorte acidentado dos arrabaldes. Estávamos no fim do Verão. O feno já tinha sido levado dos prados. Preparava-se a ceifa do centeio. Nesta temporada há toda uma série de flores maravilhosas: os milefólios vermelhos; as margaridas descaradas; os malmequeres brancos de leite com o coração amarelo-vivo e um cheiro condimentado, pútrido; o agrião-da-terra amarelo com o seu odor meloso; as ervilhacas rastejantes; as centáureas exibindo-se ao sol. Em azul vivo na juventude e em azul claro e avermelhado na velhice; e as ternas flores de linho-de-cuco, cheirando a amêndoa e céleres no murchar. Depois de ter juntado um grande ramo de flores diversas, Ruzena descobriu, num fosso, um maravilhoso cardo carmesim, em plena flor, e que, durante a sega da erva, é sempre contornado com cuidado e, caso seja cortado sem querer, é tirado do feno pelos gadanheiros para não picar as mãos. Apeteceu-lhe colher o cardo e pô-lo no meio do ramo. Desceu ao fosso e começou a partir o caule. Muito difícil, porém: a haste não só picava por todos os lados, mas era também tão duro que lutou com ele uns cinco minutos, rasgando os filamentos um a um. Quando, por fim, arrancou a flor, a haste estava toda em farrapos e a flor já não parecia fresca nem bonita. Ruzena lamentou ter destruído inutilmente uma flor que, no seu lugar, era tão bonita. Deitou-a fora. *É impressionante a força, a energia daquela flor. Lutou muito pela vida e vendeu-a caro* - pensou.

Foi o que aconteceu a Joachim no atrio da Opera. Us dois cavalheiros eram manifestamente estrangeiros. Pareceu-the que deviam ser italianos, talvez porque um deles, de olhos e cabelos negros, usava pêra à italiana.

Deu-se, todavia conta de que estavam a usar uma língua estrangeira que, porém, não era italiano, até que, com um pequeno susto, julgou reconhecer que os dois jovens estavam a lalar tcheco, a língua da Boémia. E talvez o jovem de barbicha negra, de cabelo demasiado encaracolado, tivesse verdadeiramente alguma parecença com Ruzena, não apenas por causa da cor do cabelo: era talvez a sua boca, um pouco pequena demais, o nariz demasiado curto e demasiado gracioso e o sorriso, que era de algum modo provocante.

A imagem de Ruzena, agora só conseguia vê-la através da máscara e da mediação daquele jovem.

Ao mesmo tempo, e num outro plano, ele sentia que era indizível e terrível a rapariga estar escondida atrás da máscara de um homem, e esta ideia não lhe saiu da cabeça, mesmo durante a representação de *Fausto*. Mesmo quando, depois do espectáculo, se cruzou novamente com o “irmão de Ruzena”.

Ruzena seguia pelo barbecho de terra negra, acabado de lavar. O campo lavrado era senhorial, muito grande, de maneira que de ambos os lados e em frente do caminho não se via nada além do arroteamento negro, com sulcos regulares, ainda por gradar: A lavra fora ótima. Em lado nenhum se via planta ou erva. Tudo negro. A sua frente, à direita do caminho, via-se um pequeno arbusto. Quando se aproximou dele, reconheceu um cardo igual ao anterior, e que tinha arrancado inutilmente. O arbusto de “tártaro” tinha três hastes. Uma fora arrancada, as outras duas espetavam-se como colos de braço. Cada qual com a sua flor, dantes vermelha, agora preta. Um caule dobrava-se, partido, com a sua flor suja na ponta; o outro, embora coberto de lama negra, ainda se erguia. Era evidente que o arbustinho fora pisado por uma roda e só depois se levantara, estando por isso retorcido. E mesmo assim de pé. Era como se lhe tivessem arrancado um pedaço do corpo e um braço, o tivessem esventrado, lhe tivessem vazado um olho, mas segurava-se em pé e não se entregara ao homem que matara todos os seus irmãos à volta.

Mas que energia! pensou. O homem venceu tudo, exterminou milhões de ervas, mas ele continua a resistir.

Joachim tratara Ruzena durante
o almoço de maneira rígida e convencional como
se aquele fosse exatamente o primeiro encontro.
Este comportamento rígido e convencional agradou a Ruzena.

Pararam.
Agora vambora continuar passeio.
Chuva não fazer mal. Disse Ruzena
naquele sombrio sotaque estrangeiro.
Foram pelo caminho da margem, em silêncio.

Depois voltaram.
No fiacre, Ruzena avistou
através da neblina,

e que Ruzena, à primeira vista,
confundira com a entrada de uma
Pararam em frente da casa de Ruzena.
Mas, quando Joachim fez menção de entrar com ela,
ela abanou a cabeça e ele voltou-se para se ir embora:
porém, logo ao fim de alguns passos voltou para trás
e agarrou na mão que estava ainda estendida, num desejo imóvel,
compelida pela sua própria angústia, como em sonhos, e subiu como um
sonâmbulo, a escada escura, que rangia debaixo dos pés. Atravessaram o
vestíbulo escuro e, no quarto, mergulhados na sombra
deixaram-se cair sobre o tapete áspero.

O dia estava
chuvoso e frio
nas margens do Havel.
Ao longo da margem uma paisagem
que estava expectante de silêncio e que,
contudo, não podia esperar senão chuva e a noite.
Por cima, o céu era suave, frequentemente ligado à terra
por bátegas de chuva.

A chuva
mergulhava
suavemente no rio.
Gotejava baixinho nas folhas
dos salgueiros. Havia uma canoa
semi-afundada na água junto à margem.
Era como se o Verão estivesse a derreter-se,
com a água a embrandecer. E o céu cinzento fundia-se
de tal maneira com a superfície da água que os salgueiros
da ilha do outro lado flutuavam como num lago cinzento, pendendo
de cima ou assentes em baixo, não se sabia.

qualquer coisa escura e horrível:
uma rocha caída em frente de uma escarpa
gruta incompreensível.

de um precoce crepúsculo chuvoso,

Ruzena conduziu

a mão dele
até às presilhas que lhe fechavam o vestido nas costas
e a sua voz cantante era grave.

Desaperta isso! Tira isso!

E agora havia abandono

para Joachim,

e macieza do corpo,

Um doce aroma da pele húmida.

respiração.

Escuridão da axila.

No escuro,

viu o rosto de Ruzena,

mas este estava como que a deslizar para longe,

a deslizar para as moitas mais escuras

das margens

que eram os caracóis

e a mão teve de ir

à procura do rosto dela;

encontrou a testa e as pálpebras,

sob as quais repousa, duro,

o globo ocular,

encontrou o redondo agradável da face

e a linha da boca aberta

para o beijo.

Uma onda de desejo quebrava-se contra outra onda,

o beijo dele,

puxado pela corrente,

encontrou o dela

e enquanto os salgueiros do rio cresciam e se estendiam

da sua margem à outra,

sob uma escarpa, ouviam-se uns sons estranhos.

E aos sons anteriores acrescentara-se o sussurro das águas.

O nevoeiro começara a descer.

Dois eucaliptos como que abandonados.

A lua iluminou lugubremente qualquer coisa negra e horrível.

Uma rocha caída em frente da escarpa e que Joachim,
à primeira vista confundira com a entrada de uma gruta

incompreensível.

E fez abrir-se como uma concha do lago

e ele afundou-se nela,

afogando-se.

1	3		9	8
				7
	2	4	5	6
vídeo				

Excerto do filme

Lumière d'Été (Luz de Verão)

de Jean Grémillon, França, 1943

1, 2, 3, 5, 7 e 8, Sem título, 2021.

Óleo sobre tela, 180 x 195 cm

4, Sem título, 2017.

Óleo sobre tela, 195 x 180 cm

6 e 9, Sem título, 2020.

Óleo sobre tela, 180 x 195 cm

Do planalto se dobra a montanha
Maria Capelo

Curadoria
Natxo Checa

Comunicação
Sara Aires

Design Gráfico
Sílvia Prudêncio

Montagem
Carlos Gaspar
João Varela
Pedro Henriques
Vitalyi Tkachuk

A artista gostaria de agradecer a:
João Pernão, José Neves, Pedro Paiva, Ricardo Matos Cabo.

Galeria Zé dos Bois
Rua da Barroca 59, 1200-047
www.zedosbois.org

De 21 de Janeiro a 9 de Abril de 2022

A ZDB é financiada pela República Portuguesa — Cultura /
Direção Geral das Artes. A ZDB tem o apoio da C.M.L.
e do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social